

mafia life

federico varese

Tradução de Susana Sousa e Silva

ÍNDICE

Introdução	11
Nota ao Leitor	21
1. Nascimento	23
2. Trabalho	53
3. Gestão	79
4. Dinheiro	113
5. Amor	131
6. Autoimagem	149
7. Política	171
8. Morte	201
9. <i>Post mortem</i>	221
<i>Glossário</i>	227
<i>Apêndice 1: As regras da Máfia</i>	229
<i>Apêndice 2: A estrutura da Máfia</i>	233
<i>Agradecimentos</i>	237
<i>Bibliografia e materiais de referência</i>	241
<i>Índice Remissivo</i>	291

*A vida é difícil.
E, no fim, morremos.*

INTRODUÇÃO

Numa manhã nevada de novembro de 2016, estou diante de um túmulo bem conservado, numa vasta necrópole russa. Não é dos monumentos mais imponentes, mas a figura em tamanho real de Nikolai Zikov fita-me com um semblante circunspecto. A sua imagem foi esculpida num precioso mármore negro e, a rodeá-la, há uma mesa minúscula, uma cruz da Igreja Ortodoxa bielorrussa de linhas sóbrias e um vaso para flores. Não muito longe, estão enterrados alguns dos seus companheiros. O meu último encontro com Zikov data de meados da década de 1990, e é a primeira vez que regresso ao local onde ele foi o chefe local da Máfia: a cidade de Perm, na região russa dos Urais. Apesar de ter escrito muito sobre o tempo que passei na Rússia, em meados da década de 1990, nunca julguei que fosse apropriado alongar-me sobre os nossos encontros. Este livro trá-lo-á de novo à vida. Zikov pertencia a uma associação criminosa secreta que chegou a ter um papel importante no submundo do crime europeu. Os seus membros ostentam tatuagens impressionantes, regem-se por um código de conduta secreto e mantêm operações em quase toda a Europa. Em *Máfia Life*, ficaremos a conhecer personalidades igualmente exóticas da Sicília, Hong Kong e Japão, e viajaremos para paragens tão distantes como Macau, Birmânia e Dubai, regressando depois à Grécia e ao outro lado do Atlântico, para traçar os contornos do mundo do crime nos dias de hoje. Não julguemos, porém, que um mafioso é um chefe todo-poderoso que vive num lugar recôndito. Podemos encontrá-lo bem no meio de nós, numa zona suburbana de Inglaterra ou em Palermo. Vejamos um exemplo.

Recentemente, em Salford, na Grande Manchester, um homem foi

atacado com um machete e a casa de um outro foi destruída por uma grana-da. Um garoto de nove anos foi atingido a tiro ao abrir a porta de sua casa: o assassino ia à procura do pai. Nesta comunidade, onde vivem 234 mil pessoas, trinta crianças vivem com medo de que possa acontecer um homicídio, existem vinte e cinco grupos de crime organizado e, no espaço de doze meses, ocorreram dezanove tiroteios. «A polícia não controla as ruas», explicou um dos elementos de um gangue à BBC, em 2016.

Imagine o leitor que é um dos adeptos que se deslocaram ao estádio do Manchester United para assistir ao jogo contra o Wigan Athletic, no dia 26 de dezembro de 2011. Talvez se recorde que o Manchester United derrotou o Wigan por 5-0. Fora do campo, porém, algo diferente aconteceu. Os adeptos foram encaminhados por «pessoal» devidamente uniformizado para um parque de estacionamento situado nas imediações do estádio de Old Trafford. Milhares de pessoas conseguiram estacionar os respetivos automóveis por cinco libras. Uma pechincha. Uma vasta área em redor de edifícios de escritórios, ocupada por descampados, *stands* de automóveis e terrenos baldios foi transformada em parques de estacionamento destinados aos adeptos que assistiam aos jogos do Manchester United durante a época futebolística. A artimanha residia no facto de os empregados envolvidos trabalharem para grupos locais de crime organizado que utilizavam espaços públicos para fins ilícitos. Esporadicamente, envolviam-se em disputas territoriais sobre o controlo dos melhores lugares. No dia 26 de dezembro de 2011, a polícia mobilizou-se e deteve treze pessoas com idades entre os quinze e os cinquenta anos. O objetivo era pôr termo a um negócio que, temporada após temporada, rendia milhões de libras.

O estádio de Old Trafford confina com Salford, distando pouco mais de três quilómetros do centro de Manchester. The Hacienda, a discoteca europeia mais emblemática das décadas de 1980 e 1990, esteve na origem da cena *acid house* e da cultura *rave*, além de produzir os discos da banda Joy Division¹. A entrada na discoteca era controlada por um tal Donald Noonan, natural de Salford e oriundo de uma temida e bem conhecida família local ligada ao mundo do crime. Um dos seus irmãos fora acusado de homicídio e subseqüentemente absolvido e outro somava mais de quarenta condenações por assalto à mão armada e agressões a elementos das forças policiais. Eram de tal modo ameaçadores que, sempre que eram mandados

¹ Banda *rock* britânica, precursora do movimento pós-punk, formada em Salford, Grande Manchester, em 1976 por Ian Curtis (voz), Bernard Sumner (guitarra e teclas), Peter Hook (baixo) e Stephen Morris (bateria). (*N. da T.*)

parar pela polícia, os agentes deixavam-nos seguir, independentemente do que [presumivelmente] tivessem feito. Donald mantinha a ordem na discoteca The Haçienda. O espaço era frequentado por membros dos gangues, que se sentavam em zonas distintas, para evitar conflitos sangrentos. Consumiam bebidas ao preço de custo, para não as roubarem de forma descarada e não intimidarem os empregados. Peter Hook, cofundador da banda Joy Division e um dos proprietários de The Haçienda, conta que permitir a entrada a gângsteres trazia algumas vantagens: alguns dos empregados contraíam empréstimos sem juros em vez de recorrerem a bancos. Além disso, a associação a um grupo de criminosos importante conferia um certo prestígio: «Os nossos seguranças eram tão poderosos e tão violentos que onde quer que fôssemos éramos perseguidos pela fama de estarmos associados a eles», escreve Peter Hook no seu livro sobre The Haçienda. No entanto, confiar o controlo de acessos de uma discoteca a gângsteres também tinha as suas desvantagens: eles controlavam a circulação de drogas no interior do espaço e os porteiros eram arrastados para as disputas entre gangues, pois, para evitar a humilhação e a perda de prestígio, sentiam-se obrigados a vingarem-se de acontecimentos ocorridos na noite anterior. Uma atividade legítima, de que tantos de nós gostávamos e aprovávamos, era conivente com atos de violência gratuita.

Passaram cerca de vinte anos e a maioria dos leitores julgará que a época dissoluta de The Haçienda faz parte do passado. Afinal, a discoteca encerrou em junho de 1997 e o bairro de Salford Quays, sujeito a um processo de gentrificação, alberga, hoje, uma parte das instalações da BBC e da ITV. No entanto, enquanto escrevia este livro, alguém pôs termo à vida do gângster mais influente de Salford, a 26 de julho de 2015, na sequência de um golpe cuidadosamente planeado. Paul Massey foi morto a tiro à porta de sua casa, em Salford, no momento em que saía de um *BMW* prateado. Pouco depois da sua morte, interrompi a redação do livro e desloquei-me ao local, onde acabei por conhecer Don Brown, um agente de polícia que começou a trabalhar nestas ruas, em 1983.

«Prendi Massey três vezes. Na primeira, ele tinha dezassete anos. Era um tipo pequeno, fisicamente não valia muito, mas tinha a coragem necessária para dar conta do recado. Chegou a apunhalar um homem diante de uma equipa da BBC que fazia um filme sobre ele. E cumpriu pena por este crime.»

A violência é um elemento essencial neste ofício. Massey e os mafiosos como ele têm de ser capazes de convencer um público cético de que têm o que é preciso para puxar o gatilho. Quando conseguem consolidar a sua reputação, é mais fácil levar as pessoas a vergarem-se à sua vontade; isto implica, portanto, que os mafiosos necessitarão de recorrer *menos* à violência na gestão diária dos seus negócios.

Estes indivíduos não se limitam a comprar e a vender bens ilícitos. Organizam mercados. Controlam espaços públicos. Ao invés de venderem droga nas esquinas, desejam controlar os que têm autorização para vendê-la. As suas redes de extorsão diversificam-se e, rapidamente, deixam de se cingir a um único ramo de atividade para abranger diferentes vertentes da economia local — da droga à prostituição, dos pequenos comerciantes aos taxistas e cabeleireiros, dos parques de estacionamento e residências de idosos ao negócio da construção civil — até dominarem setores inteiros. Apresentam-se como instâncias de governação que, em última instância, concorrem com o Estado legítimo. Os interesses comerciais de Massey não se limitavam ao tráfico de droga. Criou uma empresa cuja designação oficial era Personal Management Security, ou PMS, na sua versão abreviada. Era do conhecimento geral que a sigla PMS significava Paul Massey Security. Ao fim de poucos anos, a empresa conseguiu contratos lucrativos em Salford, Manchester e noutros locais. Entre os seus clientes destacavam-se a Metrolink, a rede de metropolitano ligeiro de Manchester, e a construtora responsável pela obra da nova esquadra de polícia de Manchester (os dois contratos foram anulados na sequência de protestos públicos). «Estas empresas de segurança são, na prática, esquemas de extorsão», afirma Don Brown. Até Massey, que, segundo tudo indica, não passava de um pequeno criminoso, conseguiu impor-se no mundo dos negócios legítimos.

Os indivíduos como Massey, assim como outros que conheceremos ao longo deste livro, vivem em comunidade. Massey cresceu rodeado de pessoas que não confiavam na polícia e nas instituições legítimas. Com efeito, os distúrbios ocorridos em Salford, em 1992, duraram uma semana e foram um ataque à polícia e aos serviços de bombeiros. Os nomes dos delatores apareciam pintados a *spray* nas paredes da principal zona comercial da cidade. Há quatro anos, um homem foi morto a tiro num *pub* local diante de trinta pessoas. Depois de cometer o crime, o homicida apontou a arma às testemunhas e ameaçou-as para que não falassem. Tal como em outros incidentes semelhantes, as imagens das câmaras de vigilância desapareceram.

Ninguém se apresentou para testemunhar. Em vez de *omertà*, o código de silêncio siciliano, a polícia designa-o por «muro de silêncio». Não é diferente, porém. Numa entrevista à BBC, em 2016, o antigo responsável pela procuradoria da coroa britânica para a Grande Manchester concluiu: «a percepção é a de que as pessoas estão acima da lei... certos indivíduos julgam que podem assassinar e sair impunes». Admitiu também que «existe um déficit de confiança na polícia».

Com o tempo, a justiça gângster substitui a lei e a ordem oficiais. Ninguém foi detido pelo homicídio de Massey, mas um indivíduo de trinta e três anos que residia na localidade foi morto a tiro por homens armados que dispararam de uma moto em andamento, um crime característico do submundo de Salford. Correm boatos de que a vítima estaria envolvida no homicídio de Massey. O sistema informal de manutenção da ordem em Salford chega a fixar o montante da indemnização a pagar por condução perigosa de veículos roubados quando um transeunte é atropelado. Os membros da «Firma de Salford» — também conhecida como «a Firma» (duas designações por que era conhecido o gangue de Massey) — são figuras de autoridade alternativas que aplicam a sua própria justiça sumária a transgressores. O passo seguinte é a ascensão do próprio gângster ao estatuto de dirigente comunitário. Em 2015, o jornal *The Guardian* noticiou que circulavam rumores de que a polícia teria solicitado a Massey que interviesse como mediador no seguimento de alguns incidentes violentos na cidade, entre eles um ataque com granadas e machetes.² Ele também atuou como mediador em conflitos entre gangues de todo o Reino Unido. Em 2010, para consolidar o seu papel como dirigente comunitário, chegou a candidatar-se ao cargo de presidente da câmara de Salford, tendo sido o quarto candidato mais votado. Se o sistema eleitoral fosse diferente — ou seja, se obedecesse ao princípio da representação proporcional — teria conseguido um mandato para integrar a assembleia local, juntamente com alguns dos seus aliados.

Estes indivíduos atacam as suas comunidades e aproveitam-se delas e, no entanto, acabam por ser vistos como autoridades locais, figuras respeitadas, nem que seja pelo temor que inspiram. Dado que atuam em contextos onde existe um conjunto de instituições oficiais, os membros de grupos criminosos e os mafiosos procuram influenciar o processo democrático apoiando os seus candidatos ou mesmo apresentando-se como candidatos. Certos membros da comunidade retiram benefícios da presença do crime

² Massey desmentiu esses rumores em vida.

organizado, mas constituem uma minoria. Infelizmente, as autoridades legítimas não raro inspiram menos confiança do que os gângsteres locais. Na verdade, as máfias são estruturas rudimentares que se assemelham ao estado e que, se lhes for concedido espaço para existirem e prosperarem, podem substituir as instituições legítimas.

As máfias abordadas neste livro — a Cosa Nostra, a Máfia italo-americana, a Máfia russa, a Yakuza japonesa e as Tríades de Hong Kong — *diferem* de organizações como a de Massey em alguns aspetos fundamentais. Embora os gangues tendam a ser organizações independentes, as máfias esforçaram-se por criar normas de comportamento transversais a *todas* as Famílias, tendo muitas características comuns que as distinguem de outras formas de crime organizado. Todas surgiram em períodos conturbados em que os estados não detinham a confiança dos cidadãos e se mostravam incapazes de dirigir convenientemente a economia (legal e ilegal); possuem rituais de iniciação memoráveis e tendem a organizar-se segundo uma estrutura hierárquica e regras internas idênticas, incluindo as que dizem respeito ao sexo e à vida familiar; e operam nos mesmos mercados essenciais, legais e ilegais, como a indústria da construção, os contratos públicos, a droga e a prostituição. Com efeito, uma Máfia consiste num conjunto de «gangues» que controlam um território e se regem pelas mesmas normas de comportamento. Podem guerrear-se, mas pertencem à mesma estrutura. Acima de tudo, existem há muito tempo, sendo muito mais antigas do que os gangues.

Quem são os mafiosos? A tendência é para apresentá-los como super-homens, sociopatas perigosos que dirigem organizações que fazem lembrar a Spectre e parecem saídas de um filme de James Bond. Não foi esta a impressão com que fiquei depois dos meus limitados encontros com estas personalidades. Perguntam-me, muitas vezes, se tive medo quando as conheci e porque terão elas aceitado conversar comigo. Penso que os indivíduos que vivem à margem da lei partilham connosco o desejo, profundamente humano, de comunicar, de falar de si mesmos, de justificar os seus atos. Na verdade, não tive dificuldade em perceber que outras circunstâncias, um ponto de partida distinto ou uma escolha pessoal teriam bastado para que as suas vidas seguissem um rumo bem diferente.

Estas pessoas lidam com a violência, mas não se dedicam a matar todos aqueles com quem se cruzam. A minha melhor proteção foi levá-las a sério e agir movido unicamente por um profundo desejo de compreender, de conhecer a sua visão do mundo, de saber o que pensavam sobre as suas vidas e se as mesmas valiam ou não a pena. Entregava-me aos seus cuidados

durante cerca de uma hora e elas aceitavam o desafio. Fazia-me passar por um louco inocente, um acadêmico ingênuo e otimista e tornava-me um pequeno observador do seu mundo.

Este tipo de entrevistas obrigam a respeitar um conjunto de regras básicas. Nunca faço perguntas específicas, como «quem matou quem», como fariam um jornalista de investigação ou um agente policial. Para que uma entrevista produza resultados, o entrevistador não deve mostrar repulsa, nem superioridade moral. Para reduzir a percepção de ameaça, as perguntas devem referir-se às «pessoas que trabalham no mesmo ramo de negócio» e não ao entrevistado em particular. No meu caso, esta revelou-se uma estratégia eficaz. Depois de algumas considerações gerais, o entrevistado acabava por mencionar um caso específico, quer o seu, quer o de «um conhecido». Raramente usei um gravador. A experiência ensinou-me que a sua presença causa desconforto aos entrevistados e leva-os a dar respostas evasivas. A minha metodologia preferida consiste em tirar notas: recorda ao entrevistado o objetivo do nosso encontro (realizar um trabalho de investigação que será tornado público) e, ao mesmo tempo, minimiza o perigo de uso indevido da informação pelo entrevistador.

Mafia Life não se baseia unicamente nas entrevistas que realizei. Bem pelo contrário. Os meios de prova judiciais, os dados biográficos e as conversas gravadas pelas autoridades policiais no decurso das suas investigações constituem outras tantas fontes importantes. Nunca perco de vista que estes dados foram recolhidos para fins muito diferentes dos meus. Contudo, seria insensato da minha parte ignorar uma fonte de informação tão rica. Os ficheiros de tribunal contêm pistas de valor inestimável acerca da vida dos indivíduos sobre os quais escrevo. As conversas interceptadas pelas autoridades policiais, cujos protagonistas desconhecem que estão a ser escutados, dão-nos a possibilidade de observar, como testemunhas invisíveis, o comportamento de um grupo de criminosos, tanto nas altas esferas como nos escalões mais baixos da sua hierarquia, e aprender muito sobre o seu quotidiano e a sua atividade profissional. Nenhum etnógrafo sonharia com um nível de acesso semelhante. Também me apoiei em reportagens de investigação e em confissões publicadas. Ciente das limitações inerentes ao tipo de informações utilizadas, procurei reconstituir uma história plausível e coerente com a maioria das fontes. O leitor será o juiz último do meu sucesso.

Com este livro pretendo trazer para primeiro plano a dimensão humana das conspirações criminosas. Os mafiosos são apresentados como

indivíduos, não menos inteligentes do que todos nós, que cometem erros e que, de vez em quando, são vigarizados e acabam por morrer ou por ir parar atrás das grades. Usando a estrutura de uma vida quotidiana, descrevo os complicados desafios lançados aos mafiosos na gestão das suas organizações. Tal como todos nós, nascem e crescem, casam-se, por vezes arranjam um emprego ou dirigem uma empresa, poupam e investem dinheiro, envolvem-se na política, adoecem e morrem. Os principais capítulos do livro organizam-se em torno de oito elementos: Nascimento, Trabalho, Gestão, Dinheiro, Amor, Autoimagem, Política e Morte. Cada capítulo abre com a narração pormenorizada de uma história, a que se segue a análise dos ensinamentos que podemos retirar dela.

O protagonista de «Nascimento» é Nikolai Zikov, chefe da Máfia russa. À semelhança de Massey, em Salford, Zikov dirigia uma rede de extorsão e tentou tornar-se dirigente comunitário. Pertencia a uma irmandade secreta criada no sistema prisional da antiga União Soviética e assente numa ideologia que se opunha a tudo o que era soviético. Esta irmandade tinha um ritual de admissão — um processo de renascimento para o futuro membro — muito idêntico ao de outras máfias (e que não é praticado pelos gangues de Salford). Com o fim da União Soviética, tornou-se um ator importante do submundo do crime de vários países, e, tal como outras máfias, aspirou a controlar mercados e territórios.

Antonino Rotolo, chefe da família Pagliarelli da Máfia de Palermo, é a figura central do capítulo intitulado «Trabalho». Com base em inúmeras escutas telefónicas realizadas pela polícia, pude reconstituir a forma como geria um esquema de extorsão no bairro onde residia e o plano idealizado pelo seu subchefe para assegurar o regresso da Cosa Nostra ao tráfico de droga em grande escala, graças a uma aliança com a Máfia italo-americana. Neste capítulo, também revejo em pormenor a situação em que se encontram Antonino e outros chefes mafiosos desde 2008 devido à crise económica, à pressão implacável das autoridades policiais, às detenções efetuadas e à chegada de uma população imigrante, vinda do outro lado do Mediterrâneo, que não aceita o império da Cosa Nostra como um dado adquirido. A Cosa Nostra siciliana já não é tão temível como outrora.

Em «Gestão», seguimos Merab, o chefe do clã Kutaisi pertencente à Máfia surgida no período pós-soviético que enfrenta a ameaça do Tbilisi, o clã rival que tem eliminado os seus homens por toda a Europa. Como deverá ele reagir à provocação? Empreendendo uma guerra total ou delineando uma estratégia de longo prazo para isolar o inimigo e só então retaliar? Leia

e descubra. Além disso, retirará importantes ensinamentos sobre gestão. As máfias precisam de encontrar formas de aplicar todo o dinheiro que acumulam.

No capítulo «Dinheiro» sigo o rasto dos ativos pertencentes à Máfia russa de Moscovo a Nova Iorque, Londres e Roma, e identifico três atores em todo este processo: o mafioso, os prestadores de serviços de confiança que se ocupam da movimentação e investimento de dinheiro «sujo», e os banqueiros que fecham os olhos à situação. Ficamos a saber que, de vez em quando, os mafiosos são ludibriados por banqueiros e prestadores de serviços.

Em «Amor» relato uma conversa íntima entre um mafioso e a sua companheira. Embora ela não possa tornar-se membro da Cosa Nostra, ele organiza-lhe uma cerimónia de admissão rudimentar. O poder do amor leva-o a quebrar regras fundamentais da Máfia e a fazer dela sua confidente. O afeto profundo por um companheiro ou companheira compromete, em larga medida, a integridade da organização, pelo que as máfias procuram refrear as emoções e os sentimentos familiares.

«Autoimagem» é dedicado a Wan «Dente Partido», cabecilha do negócio dos jogos de azar de Macau que produziu um filme sobre si próprio. O produto final, porém, não foi exatamente o que ele pretendia. O cinema pode ser um poderoso instrumento de promoção. Todavia, embora as máfias desejem controlar o modo como são representadas, os filmes produzidos com a sua participação direta não atraem um público sofisticado. A minha conclusão é a de que a melhor forma de publicidade é a indireta, como a dos filmes da série *O Padrinho*.

Em «Política» acompanho o percurso de duas Tríades de Hong Kong, que expõem os segredos do ataque lançado pela Máfia contra estudantes, no dia 3 de outubro de 2014. A estreita proximidade das Tríades de Hong Kong com a China parece estar a prejudicar a sua autonomia e a transformá-las no braço armado de uma potência geopolítica extremamente poderosa. Ainda neste capítulo, e de forma mais genérica, explico como a Máfia pode transformar-se num Estado e como, muitas vezes, os Estados se assemelham a uma Máfia.

No capítulo intitulado «Morte», apresento alguns dos métodos mais utilizados pela Máfia para assassinar as suas vítimas e concluo com a análise de um conjunto de políticas suscetíveis de enfraquecer e, em última análise, aniquilar as organizações mafiosas. Por fim, em «*Post mortem*», regresso a Perm para visitar o túmulo de Zikov e refletir sobre o futuro. No final do

livro, refiro as fontes consultadas e sugiro algumas leituras complementares sobre o tema.

Por fim, partilho com o leitor uma última consideração sobre Massey vinda de alguém com quem me avistei em Salford e que o conhecia bem: «Quando Massey foi morto, fiquei triste. Saí do escritório e sentei-me num banco. Porque me senti triste? É verdade que era um criminoso, mas conseguia pôr um travão nas coisas, mantê-las sob controlo, e agora a violência vai aumentar.» Mesmo os mafiosos mais temíveis começam por ser rufias de segunda categoria, como Massey. Embora não devamos atribuir poderes sobre-humanos a estes indivíduos, também não convém subestimá-los. O que me fascina e assusta nestas organizações é a sua capacidade para criar uma certa ordem social alicerçada no medo e na injustiça. Apenas poderemos ignorar esta realidade por nossa conta e risco.

NOTA AO LEITOR

Os acontecimentos e diálogos relatados neste livro são reais. Por razões legais e de privacidade, alguns dos nomes e pormenores menos importantes foram alterados. Os nomes grafados em itálico são pseudónimos. Isto aplica-se sobretudo ao capítulo 5, em que alguns diálogos e personalidades foram modificados. Sempre que o termo «Família» surge com maiúscula inicial designa a unidade de base da Máfia e não a família natural. De uma maneira geral, refiro-me à Máfia siciliana por Cosa Nostra, a denominação utilizada pelos seus membros. A transliteração de alguns nomes russos foi simplificada.

Algumas partes deste livro baseiam-se em depoimentos prestados em tribunal e em escutas telefónicas. Ambos são utilizados para efeitos de análise, não havendo intenção de imputar responsabilidades criminais a nenhum dos indivíduos mencionados no texto. Do mesmo modo, sempre que o termo «mafioso» é utilizado para designar um determinado indivíduo, tal não implica que ele seja criminalmente responsável por um crime.

I

NASCIMENTO

ZIKOV EM PERM, RÚSSIA, 1993

Nos derradeiros dias da União Soviética, embarquei numa viagem de descoberta. Parti em busca de uma entidade que continua envolta em mistério: a «Máfia Russa». Desde 1989, deslocava-me com regularidade a Moscovo e a São Petersburgo, o que me permitiu testemunhar a queda repentina da economia planificada. Os passeios da Rua Gorki (prontamente rebatizada Tverskaia) estavam repletos de cidadãos comuns que vendiam pílulas contraceptivas, preservativos, garrafas de vodca, revistas em língua inglesa e brinquedos para crianças. Os mais empreendedores montavam frágeis construções de madeira designadas *kioski*. Os russos podiam, agora, abrir todo o tipo de lojas e dedicar-se a qualquer atividade comercial. Enquanto isso, os ativos estatais eram vendidos em leilão. A economia de mercado chegara à Rússia, trazendo com ela o caos e a violência que lhe estão associados. O capitalismo russo carecia, efetivamente, de regulamentação. Generalizavam-se as denúncias de esquemas de extorsão. No mercado central de Moscovo, os comerciantes tinham de pagar 100 rublos por dia para garantir um espaço. Contudo, na Moscovo do início da década de 1990, muito mais estava em jogo além da regulamentação e códigos comerciais contraditórios e dos florescentes esquemas de extorsão. A população questionava o papel do Estado de tal forma que toda a legislação parecia carecer de legitimidade. Ninguém sabia já o que era legal e o que era ilícito.

A «Máfia» era, invariavelmente, responsabilizada por todo e qualquer ato criminoso denunciado pela imprensa que não fosse totalmente fortuito. Palavras como «Máfia» e «crime organizado» eram utilizadas sem rigor. Para Arkadi Vaksberg, jornalista russo e autor do livro *The*

Soviet Mafia, o termo «Máfia» designava «a totalidade do sistema de poder soviético, todas as suas manifestações ideológicas, políticas, económicas e administrativas», que se apropriavam das joias da coroa do complexo militar-industrial da URSS. Outros entendiam-no como uma referência a um novo tipo de personagens, «os oligarcas», inicialmente cientistas e estudantes desconhecidos que, em poucos meses, haviam acumulado fortunas consideráveis. Compravam órgãos de comunicação social, influenciavam o presidente do país, um espírito fraco, e dispunham de exércitos privados, que usavam sem escrúpulos para alcançar os seus fins. Enquanto futuro estudioso do submundo, sentia-me frustrado sempre que ouvia a maioria dos observadores chamar «Máfia» a qualquer conspiração criminosa. Do mesmo modo, muitos escritores, decisores políticos e documentos — referiam-se ao «crime organizado» simplesmente como um grupo de mais de dois indivíduos que se organizam para infringir a lei, um conceito que abarca quase todas as formas de violação da lei.

Na época, poucos se recordavam de que, na Rússia pré-revolucionária e no período da União Soviética, existia um complexo submundo do crime no topo do qual se encontrava uma irmandade de chefes denominados *vori-v-zakone*. A expressão pode ser traduzida como «homens-que-seguem-o-código», mas é, frequentemente, vertida como «ladrões dentro da lei». A sua origem remonta às «corporações» de ladrões vulgares do século XIX.³ Diversos dissidentes condenados ao Gulag no período soviético conheceram alguns destes indivíduos e descreveram o seu comportamento.⁴ Maximilien de Santerre, espião franco-russo nascido em 1924, condenado a 12 anos no Gulag em 1946, escreveu nas suas memórias que alguns dos criminosos do campo se vestiam de forma peculiar e adotavam gestos estranhos. Usavam «cruzes de alumínio de fabrico caseiro ao pescoço» e «muitas vezes deixavam crescer a barba e andavam quase sempre com a camisa fora das calças, com um ou vários coletes por cima». Tinham tatuagens no corpo todo, sobretudo no peito, adornado com a imagem de «anjos em oração nos dois lados do crucifixo; por baixo, liam-se inscrições como “Salvai, ó Senhor, o vosso escravo!” ou “Creio em Deus”», indicativas de uma ligação profunda com a religião.

³ Em russo, *arteli*.

⁴ *Gulag* é um acrónimo soviético que significa «administração central dos campos», sendo utilizada para designar, de forma mais genérica, o sistema soviético de prisões e campos de trabalho.

Falavam uma língua própria, com a estrutura gramatical do idioma russo, mas com um vocabulário distinto.⁵

Varlam Chalamov, que passou quinze anos nos campos de detenção (1937-1953) e se tornou conhecido no Ocidente por ser o autor de *Os Contos de Kolimá*, escreveu oito ensaios sobre o mundo do crime em finais da década de 1950, nos quais descreveu os *вори-в-законе*. Segundo ele, os *вори* mantinham uma atitude firme de desafio ao regime soviético e regiam-se por um código moral próprio e retorcido. Estes infratores da lei organizavam-se em grupos que atuavam de acordo com leis, costumes e língua próprios e uma rudimentar divisão interna do trabalho repartida por diferentes distritos, e até províncias. A irmandade praticamente desapareceu na década de 1950, embrenhada numa guerra intestina entre os *вори* «honestos», que se recusaram a servir a pátria na Segunda Guerra Mundial, e os que aceitaram integrar uma unidade especial do exército formada por degredados do Gulag. Apenas alguns chefes sobreviveram.

Nas décadas de 1960 e 1970, estes sobreviventes reorganizaram-se e engrossaram as suas fileiras, estando extremamente bem posicionados para tirar proveito do caos reinante na economia de mercado desregulada da década de 1990, época em que os *вори* voltaram a ser notícia como uma irmandade nacional pronta a desempenhar um papel central na nova Rússia e além-fronteiras. Durante estes anos, um *vor* natural da Geórgia foi nomeado ministro do governo do seu país, tendo sido uma peça fundamental na ascensão de Eduard Chevardnadze à presidência, em 1992. Com o tempo, os *вори* conquistaram um lugar na cultura popular ocidental. *Promessas Perigosas*, o filme realizado por David Cronenberg em 2007, conta a história de uma célula de *вори* instalada em Londres. Nikolai, a personagem interpretada por Viggo Mortensen, logra conquistar a confiança do chefe e chega a ser proposto para membro da organização, ao mesmo tempo que consegue esconder que trabalha com as autoridades. O romance *Um Traidor dos Nossos*, de John Le Carré, publicado em 2010, tem como protagonista Dima, «o maior branqueador de capitais do mundo», um indivíduo natural da cidade russa de Perm que pertence à irmandade *вори* e tenta desertar para salvar a família.⁶

Os *вори* eram ainda desconhecidos no início da década de 1990, época em que decidi partir para as províncias em busca de uma resposta mais

⁵ Em russo, *fenia*.

⁶ Colaborei com John Le Carré na qualidade de consultor durante a redação deste livro.

clara da que teria encontrado no turbilhão de Moscovo para a seguinte pergunta: poderão os *vori* ser a versão pós-soviética da Máfia, ou serão apenas uma encarnação irrelevante de uma antiga tradição popular ligada ao mundo do crime? Dado que a universidade britânica a que então me encontrava ligado tinha um programa de intercâmbio com Perm, um grande centro urbano da região dos Urais, na fronteira com a Sibéria, decidi que esse seria o meu destino. Nessa época, sabia muito pouco sobre a cidade. Pouco antes de iniciar o meu trabalho de campo, adquiri um exemplar de *O Doutor Jivago*, o romance de Boris Pasternak, publicado em 1957, cuja ação se desenrola numa cidade fictícia chamada Iuriatin, inspirada em Perm. Durante a guerra civil, os Exércitos Vermelho e Branco travaram uma luta feroz pelo controlo da verdadeira Perm, à semelhança do que acontece com a fictícia Iuriatin, até à capitulação dos Brancos, em 1919. A partir de 1941, quando Estaline transferiu as unidades industriais ligadas à produção militar para a região dos Urais, Perm passou a ser o principal centro de produção de motores a jato, tendo permanecido fechada à presença de estrangeiros até aos derradeiros dias da Perestroika. Cheguei no momento em que a União Soviética exalava o seu último suspiro. Nessa época, o comboio, uma versão atualizada da carruagem descrita por Pasternak com grande pormenor, era a melhor maneira de chegar à cidade. O *Kama* — assim chamado em homenagem ao rio que atravessa a cidade — partia todas as tardes da estação de Iaroslavski, em Moscovo, e chegava ao destino cerca de 22 horas mais tarde.

Em Perm, ainda eram visíveis os resquícios do antigo regime: as estátuas de heróis e dirigentes soviéticos permaneciam incólumes, assim como os cartazes ilustrados com fotografias de trabalhadores superprodutivos. O albergue, onde encontrei um quarto, situava-se na Rua Lenine. Tudo parecia sugerir que a vida se encontrava em suspenso e que aquele posto avançado de província ainda não alcançara o estágio de «selvajaria da capital», conforme dizia Boris Pasternak. Comecei por entrevistar proprietários de quiosques e pequenos empresários e, enquanto me aproximava daqueles com quem desejava avistar-me, aprendi muito sobre as dificuldades em fazer negócios na cidade e sobre o errático sistema de fiscalização aplicado pela administração fiscal e pela força policial corrupta. Todos os proprietários de quiosques, o escalão mais baixo da nova classe capitalista, pagavam uma taxa em troca de proteção a um gangue que controlava o bairro onde concentrei a minha investigação. Em certa ocasião, passei uma boa parte da noite na companhia de *Stepan*, um vendedor com quem fizera amizade, a

fim de assistir ao seu encontro com o «cobrador» do grupo criminoso local. Seriam duas horas da madrugada quando o emissário do chefe do distrito finalmente apareceu. Era um antigo pugilista, um homem de pescoço largo e rosto picado das bexigas, que chegou de carro e convidou o meu novo amigo a entrar no veículo. Foi-me permitido acompanhá-los. O meu contacto explicou quem eu era e o que pretendia. Sentado no banco traseiro do automóvel com os olhos fixos nas nuças de ambos, consegui chegar à fala com aquele extorsionista de segunda linha. Não era um sujeito dado à conversa, mas confirmou o que eu lera na imprensa local. O nome do presumível chefe da Máfia de Perm era Nikolai Stepanovitch Zikov, também conhecido por Iakutionok.

A minha sorte mudou algumas semanas mais tarde quando entrevistei um funcionário local. Graças aos seus bons ofícios (e aos esforços envidados por outros, cujos nomes me absterei de nomear), Zikov aceitou encontrar-se comigo no Gornyi Khrustal' (Rochedo de Cristal), um restaurante situado nos arrabaldes da cidade. Percorri uma zona industrial de Perm até encontrar o local. Nessa época, o Gornyi Khrustal' era um dos maiores restaurantes da cidade, ocupando o espaço onde outrora laborara uma fábrica soviética de utensílios de cozinha. Era um restaurante ao estilo soviético, um salão escuro e comprido com várias mesas distribuídas ao acaso. Um sítio bafiento e sem janelas. À entrada, fui revistado por guarda-costas, como se estivesse a entrar numa discoteca. Por fim, cheguei ao fundo do salão manchado pelo fumo, onde havia um palco que aparentava ter sido construído recentemente. Zikov estava rodeado do seu séquito, que o escutava com atenção e desvelo, permitindo aos clientes sentados a poucos metros de distância um vislumbre do seu mundo. Estava sentado na cabeceira da mesa de costas para a parede exterior do restaurante. De origem russa, nascido a 8 de junho de 1953, Zikov era um homem de constituição miúda e magra e voz calma. Usava um fato branco e tinha olhos amendoados com uma expressão serena. Comportava-se como alguém que tinha consciência do seu poder. Na época em que o conheci, já acumulava oito condenações por crimes tão diversos como violação, condução sob o efeito do álcool e posse ilegal de armas de fogo. Reparei que tinha pequenos pontos tatuados nas articulações dos dedos, uma forma tradicional entre reclusos de indicar o número de penas cumpridas. Várias mulheres envergando roupas baratas revolteavam em torno da sua mesa. A música alta impossibilitava qualquer conversa.

Seria de esperar que eu quisesse interpelar aquele homem sobre certos

acontecimentos recentes e inexplicáveis relacionados com as contendas entre empresários locais, ou questioná-lo sobre a corrupção desenfreada que grassava no seio da administração local. Nada disso. Seria demasiado perigoso. Comecei por perguntar a Zikov o que pensava do caos moral que parecia ter-se apoderado da Rússia e que formas haveria de o combater. Não tardou a responder: «As únicas autoridades morais da Rússia, hoje, são a Igreja Ortodoxa e os *vor*-*v-zakone*. Tanto a Igreja como os *vor* foram opositores ao regime soviético. Quando os comunistas tomaram conta do poder, os *vor* recusaram-se a obedecer aos princípios da sociedade soviética: nunca usaram um uniforme e eram inimigos férreos do regime. Nem o dinheiro, nem os bens materiais lhes interessavam. Nos campos, os *vor* apenas respeitavam os prisioneiros religiosos», acrescentou. Mais questionável foi a sua afirmação de que os *vor* sempre tinham demonstrado respeito para com as mulheres, em particular para com as suas mães (é frequente ver a palavra «mãe» tatuada no corpo de um *vor*). No seu entender, os *vor* eram o repositório do código moral que o país perdera.

Depois de muitas perguntas, Zikov acedeu a descrever-me o processo pelo qual um indivíduo se torna um *vor* — conhecido por «batismo» ou «coroação». Os criminosos profissionais que aspiram a juntar-se à irmandade são sujeitos a um rigoroso escrutínio por parte dos membros efetivos ao longo de vários anos. Deles se espera que vivam de acordo com um sistema de normas e regulamentos restritivos e que demonstrem possuir, à luz da visão do mundo dos *vor*, «convicções profundas». À semelhança da Igreja, apresentam-se como a autoridade moral de um país que perdeu o rumo. Ao fim de alguns anos de aprendizagem, um membro superior apadrinha um jovem criminoso na conquista do tão celebrado título. A cerimónia sofreu poucas alterações desde a década de 1920, realizando-se, habitualmente, no decurso de uma festa de aniversário, embora eu tivesse descoberto que a cerimónia de iniciação de Zikov acontecera quando ele se encontrava na prisão. Durante a cerimónia, um *vor* propõe a adesão de um iniciante e louva as proezas por ele alcançadas no mundo do crime. Os *vor* mais velhos chegam à conclusão de que o candidato é um indivíduo dedicado à tradição *vor*, pode ser um líder para os outros criminosos, é capaz de resolver litígios de modo justo e equitativo; exercerá a sua autoridade com eficácia junto dos seus cúmplices e terá capacidade para aumentar as receitas da irmandade que serão usadas para alimentar o fundo comum destinado aos criminosos.⁷ O ponto mais importante a demonstrar durante

⁷ Em russo, *obshchak*.

a cerimônia é o da inexistência de quaisquer ligações entre o futuro *vor* e as autoridades policiais e a ausência de vínculos laborais entre ele e as instituições estatais. Quando todas estas exigências estiverem satisfeitas, todos os presentes dão as mãos e proferem um juramento de lealdade ao mundo do crime. Logo após o juramento, o *vor* mais velho enuncia as regras da organização. «Evitarás conflitos com outros *вори* e não comprometerás a sua autoridade. Respeitarás as decisões dos tribunais *вори* e contribuirás de forma ativa para a recolha de fundos destinados à irmandade. Nunca trabalharás para o Estado, nem servirás nas forças armadas, pagarás impostos ou aceitarás um emprego nos serviços prisionais. Os *вори* podem ter mulher, mas a irmandade está acima de tudo. A homossexualidade passiva é expressamente proibida. Ninguém abandona os *вори!*» Enunciadas as regras, o novo membro recebe outro nome. No caso de Zikov foi «Iakutionok», uma referência à região de Iacútia, onde cumpriu pena de prisão. A atribuição de um novo nome assinala o começo de uma nova vida e apresenta semelhanças importantes com o ritual de concessão de novos nomes aos sacerdotes e monges da Igreja Ortodoxa russa (conforme observado por um historiador soviético, «é uma forma peculiar de tomar os votos monásticos»). A notícia da «coroação» é divulgada no mundo do crime, entre amigos e inimigos.

Após a cerimônia, o novo *vor* pode, finalmente, mandar tatuar a marca do seu novo estatuto no seu corpo. É um processo brutal, em que o desenho é aplicado na pele com a ajuda de uma agulha e de uma lâmina de barbear. As escolhas mais frequentes recaem sobre as imagens religiosas. O crucifixo é a marca distintiva de um chefe com autoridade, enquanto o número de cúpulas de igrejas indica o número de penas cumpridas. Para os *вори*, cumprir pena equivale a cumprir um dever religioso. A imagem da Virgem e o Menino, retirada da tradição iconográfica da Igreja Ortodoxa significa «a minha consciência perante os meus amigos está limpa» e «nunca trairei». A figura isolada da Virgem quer dizer «a prisão é a minha casa». Outras imagens de um *vor* legítimo são o Rei de Paus e o Rei de Espadas, assim como caveiras e asas (em particular, as asas de águia e, por vezes, de morcego). Estrelas, caveiras e coroas também são indicativas de um *vor* respeitável, embora devam ser acompanhadas de imagens religiosas e de animais ferozes.

Ao longo da sua vida, o corpo do *vor* cobre-se de uma multiplicidade de imagens que compõem a narrativa da sua existência. O corpo tatuado de um *vor* equivale ao seu uniforme, com as suas insígnias, ornamentos e emblemas, indicativos da sua graduação e distinção. Todos os feitos e

fracassos, promoções e despromoções, as estadas na prisão e transferências são meticulosamente gravados na sua pele. A tatuagem em si denomina-se, na gíria do mundo do crime russo, «anúncio», «insígnia», «escrito» ou «marca», uma indicação de que esta prática serve como declaração pública da afiliação ao mundo do crime.⁸ Nenhuma parte do corpo é considerada inacessível, pelo que chegam a ser inscritas imagens nas pálpebras e no pénis. Uma colher de metal é inserida debaixo da pálpebra, para evitar que a agulha toque no olho.

Se os *vor* descobrem que um recluso ostenta tatuagens às quais não tem direito, é de esperar a aplicação de um castigo cruel que poderá passar pela morte. Se o impostor tiver tatuado um anel no seu dedo, por exemplo, este é amputado. Em certos casos, a tatuagem é arrancada à força juntamente com a pele, mas a vida do sujeito em causa poderá ser poupada. Os detidos de estatuto elevado (conhecidos por «autoridades criminosas») costumam perguntar aos novos reclusos: «As tuas tatuagens falam por ti?» Se estas não refletirem a posição do criminoso, ele será obrigado a removê-las com a ajuda de uma faca, uma lixa, um pedaço de vidro ou de tijolo.

O ritual é encarado como o acontecimento mais importante na vida de um indivíduo. «Sentimo-nos especiais. Depois disso, ninguém nos pode tocar», disse-me Zikov. Depressa ficou a saber-se que ele estava a organizar uma cerimónia para o seu subchefe, que seria admitido daí a poucos meses. O ato realizou-se em junho de 1994, no dia do aniversário de Zikov. Uma diferença fundamental entre os antigos *vor* do Gulag e os seus homólogos da Rússia pós-soviética reside no papel da detenção. Com o fim do comunismo, o sistema prisional passou a ter um peso muito menor na carreira criminosa dos indivíduos. Na Rússia da década de 1990, menos pessoas passavam longos períodos atrás das grades e as oportunidades para ganhar dinheiro dispararam. Os chefes podiam tornar-se homens muito ricos e negociar a sua saída da prisão mediante o pagamento de subornos. A irmandade adaptou-se rapidamente: a acumulação de riqueza ou até o trabalho em instituições estatais deixaram de ser proibidos ou desincentivados. Os *vor* mais ilustres, porém, continuam a valorizar a experiência adquirida no interior da prisão. Em 2012, o chefe de um clã da Máfia da Geórgia lamentava o facto de certos dirigentes não terem cumprido penas de prisão. «Como é isso possível? Um *vor* deve saber o que é a prisão, o regime de isolamento, o frio, o calor, a fome, o tabaco, a latrina. Um verdadeiro *vor* deve

⁸ Em russo, respetivamente, *reklama*, *regalka*, *raspiska* e *kleimo*.

conhecer tudo isto.» Seja como for, na Rússia de Putin, muitos mafiosos voltaram a conhecer o interior das prisões.

A 8 de junho de 1994, o sol brilhava esplendoroso sobre um hotel situado nos arrabaldes de Perm, o local escolhido para a festa de aniversário. Convidados vindos de quatro países estrangeiros, de dezassete regiões russas e de sete cidades da região de Perm reuniram-se para homenagear o *vor* da cidade, que cumpria quarenta e um anos de idade. Entre os convivas figuravam alguns foragidos à justiça, políticos locais, presidentes de empresas e de complexos industriais, o diretor do mercado central, um cantor, um artista, um jogador de futebol e quatro alunos da academia militar. Enquanto os comuns mortais se entretinham a beber vodca e a comer rolinhos de frango, a cerimónia de iniciação decorria numa sala reservada, no extremo oposto do salão. Quando terminou, os criminosos regressaram ao salão principal, com semblantes alegres e animados, um deles segurando um precioso exemplar de uma Bíblia ortodoxa de cujas páginas espreitavam várias tiras de papel: a região de Perm contava agora com um novo *vor*.

Ao invés de se transformar num resquício caduco do antigo folclore criminoso, esta arcana sociedade secreta ganhou peso no mundo pós-soviético e mantém a sua importância até hoje. Em 2012, o governo de Obama incluiu os *вори* (designando-a pela denominação pouco vulgar de Círculo de Irmãos) na lista dos grupos transnacionais do crime organizado que constituem uma ameaça séria para a segurança dos Estados Unidos, juntamente com a Camorra napolitana, a Yakuza japonesa, os Los Zetas mexicanos e o MS-13. Em 2015, a conceituada agência noticiosa russa, PrimeCrime.ru, apontava para a existência de 485 chefes desta irmandade em todo o mundo. Destes, 118 encontram-se detidos.

O trabalho de campo que realizei em Perm permitiu-me concluir que os ladrões dentro da lei tinham traços em comum com as máfias tradicionais: um ritual em que um iniciante era apresentado por um padrinho; um conjunto de regras fundamentais que era transmitido aos novos recrutas; um juramento; e a atribuição de uma nova identidade ao novo membro. A cerimónia contava com a presença de associados vindos de diferentes regiões do país, um sinal das ramificações nacionais da irmandade. Além disso, os grupos de *вори* de todo o país eram informados da mais recente «coroação». A presença da Bíblia assinalava o carácter religioso do acontecimento. Um dos principais objetivos da cerimónia era *impressionar*, deixando uma marca na psique dos recrutas e transmitindo-lhes um propósito e a sensação de aderirem a uma entidade superior, abençoada por Deus.

Este ritual apresentava semelhanças importantes com a mais consagrada de todas as Máfias que eu conhecia e que, por acaso, provinha do meu país de origem: a Cosa Nostra siciliana.